Psicanálise em Pauta

A Psicanálise na Argentina

Jorge Alberto Berlaffa

Médico, especialista em Psiquiatria, Psicanalista e Doutor em Ciências Sociais. Chefe de Departamento de Medicina Interna, Hospital San Antonio de Padua, Río Cuarto (Córdoba — Argentina). É docente titular na Universidad Siglo 21. Instrutor Hospitalário em Carreira de Medicina, Faculdade de Ciências Médicas na Universidad Nacional de Córdoba. Coordenador Docente da Residência Interdisciplinar em Saúde Mental no Ministério de Saúde de Córdoba.

Instituição atual: Universidade Siglo 21

Lucas Monteiro Silva

Graduando em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá e membro associado da Práxis Psicanalítica.

Instituição atual: Práxis Psicanalítica

E-mail. monteirolucasrj00@gmail.com

Rosane de Albuquerque Costa

Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Est**á**cio de Sá, Docente da Universidade Estácio de Sá (UNESA), Editora da Revista Psicologia e Conexões e da Revista Práxis Psicanalítica.

Instituição atual: Universidade Estácio de Sá

E-mail: rosane.albuquerque1960@gmail.com

Tadeu Oliveira de Aguiar

Psicanalista, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi e do International Sándor Ferenczi Network, membro efetivo da Práxis Psicanalítica, membro associado do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Ciências Humanas e Sócias (IBRAPCHS), graduando em psicologia pela Universidade Estácio de Sá e em Tecnologia em Gerontologia pelo Centro Universitário Uninter.

Instituição atual: Práxis Psicanalítica

E-mail. psicanalista9@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo transcrever a entrevista guiada pela professora, psicóloga e psicanalista Rosane Costa e o psicanalista Tadeu Aguiar, sendo então entrevistado o doutor Jorge Berlaffa, grande médico e psicanalista no contexto argentino. Foi gravada no dia 24 de julho de 2021, sendo disponibilizada no canal do YouTube Fórum de Discussões – Práxis Psicanalítica no dia 28 do mesmo mês. Busca-se analisar como se dá e como se desenvolveu a Psicanálise na Argentina e observar a relação da Psicanálise entre outras vertentes da Psicologia, como a Psicologia Cognitiva.

O entrevistado foi perguntado sobre como se deu e desenvolveu a psicanálise em solo argentino, bem como ela se situa agora, tanto no meio acadêmico quanto no meio profissional de atuação. Ao final dela, foi tratado sobre o livro A Clínica em Origami: As Dobraduras entre Saúde Mental e Política, onde se argumenta acerca do fazer psicanalítico não só dentro do consultório mas também na rua.

Introdução

A entrevista citada foi gravada para o canal Fórum de Discussões – Práxis Psicanalítica com o intuito de promover uma interculturalidade dentro da Psicanálise. Teve como entrevistadores Rosane Costa de Albuquerque e Tadeu Oliveira de Aguiar, entrevistando o doutor Jorge Berlaffa. O tema abordado durante a entrevista foi “A Psicanálise na Argentina”.

A Psicanálise argentina se deu através da tradução de obras freudianas para a língua nativa, tendo enfrentado forte resistência da psiquiatria e psicologia clássica vigente na época. Assim como em todo o mundo, na Argentina a Psicanálise sofre

constante ataques, desde seu início, das Psicologias Cognitivas que duvidam e exigem certa cientificidade do fazer psicanalítico.

Por fim, a Psicanálise argentina contemporânea rompeu com a tradição fechada e rígida que as instituições clássicas traziam. Jorge comenta que a Psicanálise tem ocupado novos lugares, rompendo a sua estada somente no consultório. O maior desafio da Psicanálise atual é se manter com a voz ativa, ocupando novos lugares a fim de combater a hegemonia vigente no campo da saúde mental.

A Entrevista

Tadeu Aguiar: Boa noite a todos, ou bom dia para quem vai assistir ou boa tarde. Hoje estamos em um encontro psicanalítico com a professora Rosane de Albuquerque Costa que é psicóloga, psicanalista, docente da universidade Estácio de Sá, coordenadora e idealizadora da Práxis Psicanalítica. Hoje o nosso entrevistado será o Jorge Berlaffa, Médico, especialista em Psiquiatria, Psicanalista e Doutor em Ciências Sociais. Chefe de Departamento de Medicina do Hospital San Antonio de Padua em Argentina. Seja muito bem-vindo e seja muito bem-vinda, professora.

Rosane Costa: Obrigada, Tadeu. É um prazer enorme estar com o Jorge aqui. Nos conhecemos em um congresso na Argentina e desde lá a gente vem mantendo uma correspondência, um contato até que conseguimos produzir um livro que ficou, inclusive, muito bem editado, está muito bacana o nosso livro. Mas a ideia aqui é conhecer um pouco da Psicanálise, como é que ela está se dando lá na Argentina, ou também em como ela se deu historicamente. Queria começar perguntando ao Jorge o seguinte: No Brasil, fomos muito influenciados por alguns autores argentinos, como Arminda Arberastury, Rodolfo Moguillansky e Pichon Reviére. Eles tiveram e tem até hoje uma força muito grande na Psicanálise e na Psicologia no Brasil. Do ponto de vista histórico, você acha que a Psicanálise na Argentina evoluiu, regrediu ou estacionou? Como é que você avalia hoje a Psicanálise na Argentina?

Jorge Berlaffa: Olá queridos amigos e amigas do Brasil, uma saudação especial e carinhosa aos colegas Tadeu e Rosane e aos outros com quem compartilhei a escritura e a autoria do livro. O Brasil é um país que amo tanto e que tive a oportunidade de visitar apenas duas vezes, espero voltar em breve. Agora tendo outro motivo, visitar alguns amigos e amigas. Esse é um dos outros efeitos da escrita coletiva. Lamento não ser capaz de falar em português, eu gostaria de falar bem e é por isso que já estou tendo aulas online.

Curioso, não? veja como uma língua empurra a outra, como uma língua se move para procurar outra. É engraçado né? Mas meu professor me diz para não ter pressa ao falar. Primero você tem que entender e para entender você tem que ouvir. Então eu pensei que primeiro tenho que ouvir e depois entender e só depois falar. E pensei em como se assemelha a Psicanálise. Mesmo tendo aulas de Português e eu não vou continuar falando em português, é melhor continuar em espanhol. A Psicanálise na Argentina tem uma longa tradição que começa com os movimentos intelectuais do final Século 19 e início do século 20. Pode ser reconhecido historicamente alguns estágios que são basicamente uma fase pré-institucional com os pioneiros que trouxe ou aqueles que primeiro fizeram as traduções de Freud e depois um estágio institucional da década de 40, 1942 que é o ano em que se cria a primeira associação psicanalítica argentina como membro do IPA, International Psychoanalytical Association. A partir daí começa uma etapa institucional, onde, o que até agora ou o que até aquele momento era um ensinamento não sistematizado apenas limitado a alguns psicanalistas, alguns poucos psicanalistas que trouxeram obras ou traduziam nas obras de Freud e então começa o ensino institucional da psicanálise e autorização para exercer a prática da psicanálise orgânica institucional. Em psicanálise na Argentina sempre tinha uma espécie de dominância sobre todo o "psi", seja da psicologia ou psiquiatria, mas assim como tinha raízes fortes e um forte domínio sempre ligado aos setores intelectuais e muito ligada a políticas principalmente as ideologias de esquerda na política, bem como teve uma forte dominância ligada a essas áreas: cultural, intelectual e político. Também teve fortes resistências principalmente desde o início da psiquiatria ortodoxa, da psiquiatria clássica, depois teve forte resistência de neurociências e da atual corrente cognitivo-comportamental que permanentemente - digamos até hoje - ambas as neurociências estão de mãos dadas com a indústria farmacêutica como a psicologia cognitiva comportamental. E o que eles exigem da psicanálise não é uma legalização, o que eu mais sei é que a questão é nem tanto a legalização da prática, mas se a psicanálise pode dar conta em sua prática de maneira científica, se pode responder cientificamente como é a sua prática, este é o desafio em que as neurociências e psicologia cognitiva comportamental eles colocam a psicanálise. Na atualidade em Argentina, eu disse que a psicanálise aqui sempre estava intimamente ligada a correntes de esquerda, principalmente as políticas de esquerda e na década de 70 foi uma década muito convulsionada em Argentina por esta ditadura militar com intervenções no Estado. A Psicanálise teve um forte protagonismo na vida política do país. É também nos anos 70 onde entra o ensino de Jacques Lacan na Argentina com as primeiras traduções de seus

seminários e então de seus escritos. A Psicanálise na Argentina sempre é caracterizada por uma coexistência saudável de todas as linhas, todos as correntes de pensamento dentro da psicanálise. Nunca houve muitas tensões, nunca houve tensão, entre as diferentes linhas que compõem o grande campo da Psicanálise. Então o desenvolvimento sempre foi bem, mesmo entre as diferentes linhas e correntes do pensamento psicanalítico. Outra das vantagens que a psicanálise também teve para o seu desenvolvimento em Argentina, o que poderíamos dizer é que foi pioneira na América do Sul quanto a forte inserção no ensino universidade. Quando as carreiras de Psicologia são criadas nas universidades argentinas, eles fazem isso diretamente de mão à psicanálise. Foram os psicanalistas que deram as primeiras classes nas carreiras em psicologia, então deixam tradicionalmente na carreira de psicologia, no âmbito acadêmico da psicologia, uma forte impressão, uma forte marca psicanalítica que dura até hoje. Hoje em geral, os diplomas universitários em psicologia, da carreira de graduação, principalmente têm um forte domínio da psicanálise. E mais os sistemas de controle de acreditação de ensino universitário a cargo do Ministério da Educação, este que luta permanentemente contra hegemonia que sempre tenta ter a psicanálise nas carreiras de psicologia, e mais de uma vez, várias vezes, é a razão de não acreditação de carreira. O Ministério da Educação muitas vezes retira a acreditação ou faz uma observação, isso porque há muito conteúdo da psicanálise em carreiras universitárias e têm que compensar com outras linhas. E finalmente é isso que eu volto para o que estava dizendo um momento atrás, a psicanálise atual, neste momento, na Argentina ainda é mais ou menos como era historicamente, o de uma pluralidade de linhas que convivem harmonicamente, mas isso mais do que nunca a partir dos anos 90. Nós aqui na década de 90 politicamente o país era, digamos, praticamente assumido por um governo ultra neoliberal presidido pelo Presidente Carlos Menem. Bem, daquele tempo em diante a psicanálise foi fortemente interpretada pelas neurociências e psicologia cognitiva, como eu disse antes, pedindo que você responda por sua cientificidade, para precisar não tem mais como dizer que não é uma ciência que não pode ser medido a partir dos parâmetros de ciência positiva, não pode ser medida com o mesmo pensar com o mesmo bons paradigmas da ciência positiva que não impede o desenvolvimento, não impede crescimento e produção tanto em campos acadêmicos universitários, como não universitários.

Rosane Costa: Muito bom! Então você acredita que apesar desses avanços da teoria cognitiva comportamental, quanto também das neurociências de alguma forma o espaço da Psicanálise na Argentina se mantém forte, pungente e super atual?

Jorge Berlaffa: Sim, se mantem forte, produtiva e atual Eu diria em crescimento porque também outras coisas que aconteceram nos últimos 15 ou 20 anos é que as escolas tradicionais de Psicanálise, então da Associação Psicanalítica Argentina, às tradicionais instituições de psicanálise do APA, a Associação psicanalítica Argentina para o mais atual e digamos que a escola de orientação lacaniana e outras mais recentes que têm aberto sua perspectiva, porque durante muito tempo também preservou uma tradição muito fechada, uma tradição herdada do IPA talvez que fechou tanto seu uso quanto seu acesso como o seu desenvolvimento, desde uma vez apenas psicanalistas só podiam ser médicos simplesmente não havia lugar para outra profissão que não fosse a medicina, cabe ao conteúdo e até o credenciamento da autorização e na realização dos analistas tudo foi muito fechado que agora disso é isso interpelação de que houve esta forte interpelação, felizmente, em vez de fechar ou blindar, se abriram, o que favorece a sobrevivência. Eu acredito que se as instituições antes do ataque das neurociências e a psicologia cognitivo-comportamental tivessem se fechado ou encouraçado teria sido a morte da Psicanálise na Argentina. Pelo contrário, felizmente elas têm se aberto e se permitido não só o intercâmbio com outras áreas do conhecimento mas também a flexibilidade de certas diretrizes muito rígidas de práxis psicanalítica que até agora elas vieram segurando. A primeira de todas as práticas é a institucional, o primeiro que destacou a abertura da psicanálise para instituições principalmente hospitaleiras, coisas que até um tempo atrás eram muito questionadas pelas mesmas áreas psicanalíticas, para que a psicanálise poderia ser praticada em hospitais. Uma coisa absurda não? É como se a psicanálise teve que ficar restrita à esfera selecionada de consultório, essa é uma das práticas. Outra coisa muito perceptível também são as práticas na comunidade, não realocação da psicanálise à comunidade possível, mas não só a psicanálise que devolve o viver fora das ruas dos bairros não, não é que o divã do psicanalista se sentou em sua posição fleumática em uma rua não, não é. O que acontece é que você pode fazer uma leitura do social, uma leitura da comunidade de psicanálise. Quando antes da psicanálise ser pensada apenas para uma subjetividade individual. Agora seja uma sorte para mim desde minha leitura, minha perspectiva aquelas foram as duas grandes áreas onde a prática que sofreu mutação ou que mudou a prática da psicanálise na instituição hospitalar de saúde no instituições hospitalares e a psicanálise na comunidade.

Rosane Costa: Sim. Quando você fala da psicanálise na comunidade a gente pensa em novos desafios para a psicanálise, por exemplo a relação com a população LGBTQIA+, por exemplo a relação com os povos originais de Brasil e de Argentina, e aqui no Brasil

não sei na Argentina como, mas da dívida histórica que nós temos com a população negra. Então, são questões que hoje são muito atuais para a Psicanálise conseguir não dar resposta mas problematizar a nossa relação com a população LGBTQIA+, povos originais e população negra. Como é que você vê isso e o que você acha que é central nessa discussão? Porque para mim isso passa por uma democratização do próprio fazer do analista.

Jorge Berlaffa: Concordo totalmente. porque isso permite que a psicanálise retorne às suas origens e sua essência. A psicanálise nasce das margens, nasce com um discurso e uma produção marginal. Freud era um marginal, um marginal da medicina, um marginal da psicologia, um marginal da sociedade a ponto de quando ele ia dar suas palestras para a sociedade médica de Vienna foi vaiado, foi zombado e retiraram-se as pessoas. A psicanálise nunca te enviou a ocupar lugares centrais, você sempre tem que se manter nas margens, operar das margens, porque é uma voz minoritária e deve manter e permanecer uma voz minoritária para continuar operando em lugares minoritários onde pode fazer transformações, na Comunidade LGBTQIA+, nos pequenos grupos populacionais, nos pequenos grupos étnicos e nas comunidades originais dos povos nativos que na Argentina são muito minoria muito mais que no Brasil. As comunidades indígenas são muito menores. A psicanálise tem muito a fazer e eu acredito que o desafio da psicanálise é resistir, deixar de lado mas não renunciar dolorosamente, mas renunciar orgulhosamente a pretender ocupar os lugares centrais do discurso, para continuar a ocupar e se estabelecer nos lugares marginais para seguir sendo uma voz minoritária e marginal que desafia permanentemente vozes hegemônicas do campo da saúde mental. Não se pode questionar vozes hegemônicas de um lugar central, não há como continuar sem questionar para continuar tendo essa autoridade, e esse lugar deve ser mantido na margem, não espere para ir ao lugar central porque se uma psicanálise alcança finalmente tome o centro do palco torna-se uma nova hegemonia acabará sendo tão hegemônico quanto as neurociências.

Rosane Costa: E acredito até quanto a própria Psicologia, porque, pelo menos no Brasil, a Psicologia almeja estar nesses lugares centrais, almeja ter poder, coisa que para a psicanálise não se faz como o objetivo. Eu acho que a gente quer funcionar exatamente como você falou, a margem, continuar operando e pensando esse sujeito a partir de sua subjetividade, daquilo que é fundamental para a psicanálise. Acredito que o Tadeu queira falar algo.

Tadeu Aguiar: Completando até o que a senhora estava falando agora, podemos incluir a população idosa. Não sei como está na Argentina mas no Brasil é algo que cresce cada vez mais. E que de alguma forma agora, com uma questão que saiu da Organização Mundial da Saúde, que define a velhice, a partir de 60 anos, como doença, como patologia. Eu sempre dou umas voltas em minhas pesquisas sobre essa população mas a partir da psicanálise e é uma população sendo sempre de alguma forma aniquilada, apagando esse sujeito que ainda é vivido. Eu teria uma pergunta para o doutor, que é até uma questão que ele já comentou. Eu não entendo muito o espanhol mas eu entendi a sua fala. Mas a questão é sobre a psicanálise na universidade, aqui no Brasil existe um campo bem conflituoso dentro da universidade, falando sobre o curso de Psicologia e uma ciência baseada em evidências.

Jorge Berlaffa: Me ajuda Rosane. Entre as diferentes linhas?

Rosane Costa: Não. No brasil, há muita divergência, muito conflito quando a psicanálise entra na psicologia com as teorias cognitivo-comportamental e com a neurociência. Tem um discurso dessas correntes que desqualificam de uma maneira muito agressiva e até desleal a prática psicanalítica. Acho que você até tocou nisso porque eles dizem, ou seja, o ataque vem em dizer que psicanálise não é ciência. Ele queria que você falasse como é que isso se dá na Argentina.

Jorge Berlaffa: Na Argentina, o debate no meio acadêmico nas universidades é amigável, são pacíficas, não é agressivo e não é desqualificante e é respeitoso e há respeito mútuo entre as diferentes linhas. Onde se é mais agressivo, o ataque violento à psicanálise é das áreas profissionais e não na universidade. Por exemplo, na sociedade da psiquiatria certas instituições de saúde mental que eles ainda mantêm um discurso muito duro muito hegemônico e fundamentalmente da indústria farmacêutica. A indústria farmacêutica tem muita influência na Argentina em campos profissionais não em universitários de saúde mental e instituições privadas de saúde mental, os colégios profissionais e campos de treinamento, por exemplo, a Sociedade de Psiquiatria ou as diferentes escolas de psicologia cognitivo-comportamental - essas instituições estão fortemente influenciados pela indústria farmacêutica então, a partir desses lugares, o ataque a psicanálise é mais forte e mais agressivo, não no meio acadêmico. No ambiente acadêmico, nas universidades principalmente em universidades estaduais, universidades públicas, mas também em universidades privadas é mais restrito, mais controlada a influência da indústria farmacêutica e corporações do capitalismo da saúde. Mas não é permitido

entrada para campos acadêmicos então a coexistência entre as linhas e a crítica entre as duas é pacífica amáveis e não agressivas.

Rosane Costa: No Brasil, a gente está vivendo um momento de desfalecimento, de desfazer o nosso Ministério da Educação, então as coisas estão muito confusas no Brasil, temos um presidente ultraconservador, então a gente tem esse problema. Então agora eu queria te perguntar como foi para você escrever a quatro mãos? O que eu acho uma coisa complicadíssima.

Jorge Berlaffa: Para mim foi uma experiência formidável escrever, eu realmente senti que não estava escrevendo para o livro, para o capítulo, mas foi escrevendo para vocês e eu senti, sempre senti que estava escrevendo com vocês. Embora eu tenha tentado ser o mais cuidadoso mais prolixo, eu senti uma grande responsabilidade mas principalmente porque eu vi como estava funcionando tão cuidadosamente na montagem do livro. Então isso é o que eu estava preocupado, se estava de acordo com a seriedade que estava funcionando, mas para mim foi uma experiência formidável e de jeito nenhum não foi algo doloroso, algo difícil e doloroso pelo contrário, eu gostei muito. E mais, achei muito mais agradável e muito mais ágil escrever com vocês no capítulo compartilhado do que escrever um capítulo sozinho. Muito mais agradável do que escrever sozinho e acabou. Eu não estou dizendo que não gosto mas não é mais atraente para mim porque eu relendo o capítulo compartilhado é o que mais me trouxe prazer. O que mais me agrada é ter sido produzido por uma bricolagem, não? Esta técnica de montagem de fragmento tão linda.

Rosane Costa: Sim! Eu acho sensacional essa afirmativa sua de fazer esse trabalho como se fosse uma bricolagem. Porque assim, a gente vem, eu, Tadeu, o Adriano que escreveu com a gente, o próprio Pedro, de uma prática que é sempre de um fazer coletivo. Nunca é um trabalho individual, mas sempre coletivo. A gente busca trabalha em rede e fazer costuras, principalmente porque nossa origem é do serviço público. E a gente brinca que precisa construir pontes, nunca muros, e pontes para poder atravessar, até em contato com o outro para construir coisas juntos. Essa experiência do livro foi realmente maravilhosa, apesar da dificuldade da língua que acabou virando uma fonte de potencial, de belezura, uma coisa muito positiva do que um obstáculo. Realmente foi uma experiência sensacional. Estou falando aqui do livro A Clínica em Origami: As Dobraduras entre Saúde Mental e Política, que trata sobre esse fazer do psicanalista, que o Jorge bem trata no início da entrevista, o psicanalista literalmente na rua, com as populações originais,

com a população LGBTQIA+, com a população negra e na luta contra qualquer tipo de discriminação. Então é essa psicanálise que a gente gosta, que a gente quer fazer e que a gente sabe que é pulsante e que é vida. Então Jorge você tem aqui agora nossas câmeras, nosso canal para fazer a sua despedida.

Jorge Berlaffa: O que me impressionou muito foi o título do livro e porque o conceito de dobras para mim é o que define subjetivação, os processos de subjetivação. Dobras do social, do coletivo sobre o singular e do singular para o coletivo. A subjetivação são esses movimentos de pregas, como o origami a forma não tem importância, o que tem a importância é o efeito da dobra. A forma é um efeito da dobra e me parece que isso é o que é conseguido com o livro, não sendo capaz de falar apenas sobre uma psicanálise mas também de, digamos, da saúde mental em geral com a psicanálise incluída com a possibilidade de que toda práxis em saúde mental pode ter aquele lugar, o lugar que necessita como em comunidades minoritárias, negras, comunidades aborígenes e a população LGBTQIA+. Eu realmente acredito que o que poderíamos colocar no livro é para isso, é para que haja dobras de saúde mental geral e psicanálise em particular na comunidade e que o a comunidade pode incorporar esse conhecimento. Em dois artigos cito o que um cientista brasileiro de São Paulo disse, ele fala que só a interdisciplina não é suficiente, a interdisciplina não basta, o que o que é preciso é interculturalidade, o que precisamos é que a saúde volte para a comunidade para que a comunidade possa empoderar-se de suas práticas saudáveis e cuidados de saúde se continuarmos separando o conhecimento técnico, saber disciplinar do saber popular, nunca a saúde vai ser alcançada na comunidade. Saúde com a comunidade é outro paradigma e eu acredito que para mostrar esse conhecimento é conhecimento técnico disciplinar implantá-lo na tradição popular e que o saber popular dobre no saber técnico, isso é um origami que é uma dobradura, isso é o que é preciso para que a saúde esteja na comunidade e que a saúde mental é, em última análise, uma prática inclusiva para aqueles setores que são historicamente adiados e historicamente excluídos, que são os que estão na margem.

Rosane Costa: Jorge, muito obrigada por ter você aqui! Tadeu quer concluir?

Tadeu Aguiar: Só agradecer, foi perfeito! Pensar na psicanálise nesse lugar e se estender a população, a sociedade. E se estender ao discurso da psicanálise e do próprio psicanalista.

Rosane Costa: Mais uma vez Jorge, foi um prazer ter você aqui. É sempre muito bom falar com você, ouvir e ler o que você escreve, muito bom saber da sua existência e a gente fica aqui com o coração aberto, esperando a sua visita no brasil.

Jorge Berlaffa: Bem, queridos amigos e amigas. Muito obrigado por este lindo momento, foi um bom diálogo, uma boa experiência. Espero que possamos compartilhar outros espaços, ter outras reuniões no Brasil ou na Argentina. Eu desejo visitar esse lindo país em breve, mas também gostaria de poder recebê-los no meu.

Rosane Costa: Com certeza!

Considerações Finais

A Práxis Psicanalítica propõe em um de seus pilares basais a transmissão da Psicanálise, o que se faz através dessa entrevista, trazendo aos seus seguidores e leitores consciência de como se dá a prática psicanalítica em outros países vizinhos ao Brasil.

Percebe-se a importância da entrevista ao pensar e comparar o fazer psicanalítico no contexto brasileiro e argentino. Pode-se encontrar diversos vestígios de como a história acompanha os dois países, como os governos ditatoriais, e em como a psicanálise surge nos dois a fim de manter ativa a voz dos povos a margem da sociedade.

A relação da Psicanálise e outras vertentes da Psicologia em solo argentino se dá de modo diferente do que é visto no Brasil. Na Argentina, as Psicologias Cognitivas buscam descredibilizar os feitos e a relevância psicanalítica, mas essas tentativas se dão somente no meio comercial argentino, onde há a hegemonia do meio farmacêutico. No meio acadêmico é revelado certa harmonia entre as distintas vertentes psicológicas com a Psicanálise.

Vide o sucesso e importância da entrevista transcrita acima, a Práxis Psicanalítica propõe novas entrevistas com representantes de outros países sul-americanos, formando assim uma frente psicanalítica em todo o continente.

REFERÊNCIAS

COSTA, Rosane de Albuquerque; AGUIAR, Tadeu Oliveira. **Psicanálise em Pauta: Entrevista com Jorge Berlaffa.** Fórum de Discussões – Práxis Psicanalítica. Youtube, 2021. Disponível em: https://youtu.be/3ZIlycQzY2s. Acesso em: 28 de julho de 2021.